



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do 2º Congresso Brasileiro de Agribusiness

Palácio Itamaraty, 25 de junho de 2003

Quero começar cumprimentando o nosso querido companheiro, ministro em exercício das Relações Exteriores, Samuel Pinheiro Guimarães Neto, que cedeu estas instalações para a ABAG se reunir. Eu estava dizendo para o Roberto Rodrigues que a ABAG está muito chique, utilizando o Itamaraty. Isto aqui, nem o Presidente da República consegue utilizar quando quer. De vez em quando, eles fazem uma concessão e me convidam para alguma atividade.

Quero cumprimentar o meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

O Carlos Locatelli, presidente da ABAG,

O embaixador Waldemar Carneiro Leão, diretor-geral do Departamento Econômico do Ministério das Relações Exteriores,

Os homens de negócios que participam deste 2º Congresso da ABAG,

Eu quero começar dizendo a vocês que estou orgulhoso do agronegócio brasileiro. Eu sei que durante muito tempo existiu entre nós, possivelmente, da minha parte e da parte de vocês, muitos preconceitos ou muitas descrenças em relação ao que pudesse acontecer no Brasil.

Eu sempre digo que às vezes a gente gosta muito de uma pessoa sem conhece-la e, quando a conhece, desgosta. E, muitas vezes, a gente não gosta de uma pessoa sem conhecê-la e, quando a conhece, gosta. E eu sei que durante muito tempo houve uma certa preocupação com o futuro que nós pudéssemos oferecer ao agronegócio brasileiro.

Eu quero contar um caso para vocês. Eu, agora, estou mais cuidadoso porque quando a pessoa vira Presidente da República, qualquer coisa que se



fala, se falar brincadeira, vira manchete no jornal no dia seguinte. Mas se falar coisa séria, não sai.

Quando eu conheci a minha esposa, eu a pedi em casamento – ela era viúva e a ex-sogra dela tinha muitos ciúmes, porque ela passou a ser uma espécie de “filha” do casal, dos pais do marido dela. Quando eu a convidei para casar, a “intimei” a casar, depois de cinco meses de namoro, a “ciumeira” e o ressentimento do casal foram muito grandes. Eles não aceitavam, não sabiam se eu ia cuidar bem da nora dos sonhos deles, aquele negócio todo.

Eu casei, a Marisa ficou grávida do meu filho Fábio e, para acabar com a animosidade, eu chamei a sogra da minha mulher para ser madrinha do meu primeiro filho, que era para demonstrar o grau de confiança e de credibilidade que eu tinha.

E fiz o mesmo com vocês. Quando fui eleito Presidente da República, falei: vou convidar alguém que ninguém do setor tenha qualquer suspeição da sua ligação, credibilidade e competência em relação ao agronegócio. Por isso eu chamei o meu companheiro Roberto Rodrigues para ser o ministro da Agricultura. Pelo grau de competência que ele tem, pela relação que tem com vocês, com alguns, segundo ele me dizia à mesa, há mais de 30 anos. Ele estava até achando que já está velho porque conhece todos vocês, e alguns até de apelido.

E o Roberto veio num momento excepcional de um governo, que são os primeiros meses, e deu o toque de harmonia que nós precisávamos para acabar com qualquer suspeição na relação entre o governo e o setor de agronegócios neste país.

Com alguns setores nós já tínhamos uma relação mais antiga. E isso é importante, porque esse setor, já há algum tempo, vem ganhando destaque nas discussões econômicas do nosso país, vem ganhando destaque toda vez que nós discutimos a necessidade de aumentar o nosso comércio exterior e toda vez que a gente discute avanços tecnológicos.



Isso é extremamente gratificante, porque nós não queremos parar onde estamos. Nós não queremos nos contentar com o patamar que já atingimos, porque temos condições de ir muito mais longe do que fomos até agora.

Foi por isso que nós tratamos com um carinho excepcional o lançamento do Plano Safra 2003/2004. E, aí, diga-se de passagem, outra vez o companheiro Roberto se dedicou dias e dias no sentido de convencer a totalidade do governo da importância, não só de liberarmos a quantia que foi anunciada, mas de fazer com que esse dinheiro chegue no momento certo e não depois que passou o tempo de plantio.

E isso faz com que aumente a nossa responsabilidade. Eu quero que os congressistas que estão participando deste 2º Congresso da ABAG tenham a certeza absoluta de que nós não vamos parar por aqui. Se depender do governo, a gente está muito mais ousado, muito mais ambicioso, acreditando e precisando de vocês mais do que em qualquer outro momento da nossa história.

O Roberto teve a oportunidade de presenciar a reunião que nós tivemos com o presidente Bush, onde nós fizemos questão de deixar claro que, em se tratando de agricultura, embora respeitemos todo e qualquer país e todo e qualquer setor que dispute conosco, conquistamos a maioria e não queremos ficar pedindo licença aos outros para que mostremos a nossa competência, a nossa capacidade produtiva e a nossa capacidade, inclusive, de ganhar mercado, se a disputa for, efetivamente, livre, e se tivermos igualdade nessa disputa.

Penso que aquilo que parecia impossível pode começar a mudar muito antes do que a gente imagina. Eu, há muito tempo, acompanho pela imprensa brigas homéricas de empresários brasileiros, do governo brasileiro, do ministro Roberto, do Itamaraty, com a União Européia, para que ela pare com os subsídios, para que a gente possa competir com os Estados Unidos.

Eu penso que, se toda vez que a gente quiser negociar, a gente ficar



pedindo licença para entrar àqueles que competem conosco, nós nunca vamos conseguir.

O que nós precisamos, na verdade, é mostrar que temos alternativas para fazer negócios, apesar deles. Sem perder de vista, em nenhum momento o que representa para nós a União Européia e o que representam para nós os Estados Unidos. Nós sabemos a importância que têm. Mas nós sabemos, também, que há mercados excepcionais no mundo que foram pouco prospectados, ainda, pelo nosso país.

É por isso que quando eu trouxe o Roberto Rodrigues para o Ministério da Agricultura e o Luiz Furlan para o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, eu disse para os dois: “A função de vocês é fazer prospecção em grande profundidade, para ganharmos até da Petrobrás.”

Ou seja, nós temos que procurar novos horizontes, nós temos que procurar novos parceiros. Eu até utilizava, com eles, a idéia dos “ministros mascates”, ou seja, os companheiros que têm que viajar pelo mundo, mostrando o que nós temos.

Normalmente se tem uma visão do Brasil de país de Terceiro Mundo, pobre, que tem índio, que tem gente pobre, que tem carnaval, que tem futebol. É verdade que nós temos tudo isso. Mas é verdade, também, que nós temos outras coisas para vender: nós temos indústrias, temos agricultura, temos um extraordinário rebanho bovino, temos tecnologia. O que precisamos é vender as coisas boas que a gente tem.

E, aí, nós tomamos uma decisão: primeiro, vamos arrumar o nosso quintal. Vamos garantir o financiamento para a agricultura brasileira. Fizemos o Plano Safra, muitos de vocês participaram. Ontem, anunciamos o Plano Safra para a Agricultura Familiar. Tratamos de conversar com todos os Presidentes da América do Sul.

Em seis meses, conversamos com todos os Presidentes dos países da América do Sul e com alguns outros da América Latina, no sentido de dizer:



essa história da integração da América do Sul, que durante séculos foi utilizada de forma sentimental, para mostrar que nós éramos internacionalistas, parou. Não vai mais haver essa relação sentimental. Vamos fazer com que essa relação seja prática, objetiva, concisa, concreta. E para que a gente tenha a integração que a gente sonha é preciso integração física, é preciso que haja estradas; que haja pontes; que haja ferrovias; que haja vôos, para que os homens de negócios daqui possam ir fazer negócios lá e os de lá venham fazer negócios aqui. Se nós esperarmos que um Presidente de um país vá a Miami para vir ao Brasil ou sair da África e ir a Paris para vir ao Brasil, eles farão negócios lá e não precisarão vir para o Brasil.

Nós, que temos interesses, é que temos que criar as condições para que essa integração se dê de forma muito objetiva. É por isso que, no encontro de Cuzco, no Peru, nós propusemos – e vamos discutir com todas as instituições financeiras disponíveis no mundo – a constituição de um fundo para infraestrutura, que sirva à integração da América do Sul. Quando isso acontecer, a gente vai perceber que todos nós deixaremos de ser pobres, ou seja, seremos menos pobres e começaremos a conquistar mais espaço e mais respeito internacional.

E, aí, tomamos a segunda decisão: a África está próxima de nós; temos também um potencial de relações com a África, se imaginarmos a distância que nos separa. Entretanto, vejam o absurdo: um país com 500 mil habitantes, como Cabo Verde, tem um vôo semanal para o Brasil e nós não temos nenhum vôo para nenhum país africano. Como é que podemos continuar falando em integração se não cuidamos de fazer com que a integração aconteça?

É por isso que, no mês de agosto, nós vamos fazer uma viagem a cinco países da África, dentre eles, a África do Sul, que tem potencial de negócios com o Brasil. O Brasil precisa abrir novas fronteiras, porque não é preciso apenas vender produtos agrícolas ou comprar alguns produtos, mas saber que tipo de negócio os investidores brasileiros, dos mais diferentes campos, podem



ter nessa região, porque, se não formos ousados e não tivermos uma política mais ativa, outros terão.

Depois, tomamos a terceira decisão importante: nós vamos para o Oriente Médio. Nós vamos tentar ocupar um espaço que deveríamos estar ocupando, há muito tempo, no mundo árabe. E vamos, em dezembro, fazer uma grande viagem. Já estiveram lá o ministro Celso Amorim, o Roberto Rodrigues e o Furlan. E eu vou, em dezembro, visitar cinco países, com uma idéia de, um dia, fazer uma feira brasileira no Oriente Médio, para mostrar o que a gente tem e para convencê-los a gastar um pouco dos dólares advindos do petróleo, aqui, no nosso país. Queremos mostrar que temos coisas para vender para eles e que também podemos comprar coisas deles.

Mas, mais importante: nós fomos a Evian. E, num encontro com os países que compõem o G-8, mais doze países convidados, eu tive a oportunidade de ser um dos Presidentes que puderam fazer uso da palavra. E eu disse a eles que Brasil, China, Rússia, Índia, Argélia e África do Sul, mais o México, só para citar alguns países, não precisariam esperar um convite do G-8 para se reunirem. Nós temos população, temos mercado potencial, temos tecnologia; temos, portanto, que estabelecer uma relação em que possamos atender, de forma complementar, às nossas necessidades, tanto de venda quanto de compra.

E vamos, também, se Deus quiser, até o meio do ano que vem, estabelecer reuniões de governo para governo, porque não é mais aquela reunião de um Presidente da República com outro Presidente da República. É reunião de governo para governo. É o presidente Lula, com os seus ministros, e o Presidente do outro país, com seus ministros, para que, depois, a gente volte e os nossos ministros continuem fazendo os negócios que nós precisamos.

Essa é uma parte que está trabalhada, eu diria, de forma muito sensata, muito harmônica e muito sólida pelo governo, no campo do agronegócio,



liderado pelo companheiro Roberto Rodrigues.

E nós vamos mais longe. Eu tenho clareza de que nós temos que ter sonhos maiores para o Brasil. O pessoal do açúcar, do álcool, que passou tanto tempo aí “cai não cai”, “quebra não quebra”. Houve um tempo em que era até feio conversar com usineiro, porque era sinônimo de “coisa não muito boa”. Nós nunca tivemos vergonha de ter relação com usineiros – e quem é de São Paulo sabe disso –, nós sempre acreditamos que um país que tinha desenvolvido a tecnologia que o Brasil desenvolveu não poderia abdicar dessa tecnologia de uma matriz energética renovável como o álcool; portanto, nós teríamos que não apenas aumentar a produção, mas brigar para que a indústria automobilística brasileira começasse a produzir carros a álcool, o que já aconteceu e pode acontecer novamente.

Mas vejam o mercado extraordinário que se apresenta para nós. Imaginem vocês o mercado que se abre para o Brasil, se todos os países desenvolvidos do mundo resolverem cumprir, até 2008, o Protocolo de Kioto e tiverem que colocar 10% de álcool nos seus carros. Teremos um Brasil competitivo, porque se os Estados Unidos quiserem competir conosco, produzindo álcool à base de milho, nós não temos porque nos assustar, nós temos como ganhar.

Mas essas coisas não acontecem apenas porque nós produzimos. É preciso que a gente seja ousado na venda dos nossos produtos. É preciso que a gente diga: nós existimos. Se o Japão, sozinho, utilizasse 10% de álcool nos carros que todos os japoneses têm, nós teríamos que vender 50% do que produzimos, só para o Japão. Então, imaginem o potencial que nós temos. E isso vale para todos os produtos.

Eu não desejo o mal para ninguém. Mas acho que, de vez em quando, o que acontece de mau para uns é bom para outros, como agora, por exemplo, nós nunca tivemos a oportunidade fantástica que estamos tendo de colocar a nossa carne no mercado estrangeiro, sobretudo, nos países ricos. Nunca.



Agora, é preciso que a gente capriche, é preciso que a gente invista em tecnologia, é preciso que a gente melhore a qualidade dos nossos produtos, porque eu acho que a exigência não é má em si. A exigência é um bem, porque faz com que tenhamos que investir em tecnologia. Fico feliz e satisfeito que a ABAG tenha tomado como decisão, enquanto iniciativa privada, acreditar no papel que o agronegócio pode ter, investindo em tecnologia.

E por falar em investir em tecnologia, eu queria dizer ao Lovatelli que, quando nós tomamos posse, nem bem tínhamos aprendido ainda o caminho para o gabinete do Presidente ou dos ministros, fomos pegos de surpresa com o problema sério, que era – num país onde era proibido plantar transgênicos – nós termos mais ou menos cinco milhões de toneladas de soja transgênica produzida no Brasil, numa demonstração de que tinha havido um descaso, não só em fazer cumprir a lei, mas em fazer a discussão séria e serena que é preciso fazer sobre esta questão do transgênico.

E sabe meu companheiro Roberto que nós fizemos uma reunião, e mandamos uma Medida Provisória, não tão tranqüila, mas necessária, para que pudéssemos comercializar aqueles cinco milhões de toneladas de soja.

Pois bem, ao mesmo tempo, nós montamos um grupo de trabalho para discutir, não por interesses eminentemente econômicos ou eminentemente ideológicos, contra ou a favor, 8 ou 80. Determinamos que nós vamos ter que fazer nos próximos três meses, o mais competentemente que pudermos, um debate científico, para que, com a decisão científica, possamos tomar uma decisão política sobre que modelo nosso país vai adotar. Acontece que nem sempre as coisas foram tratadas com a seriedade que o Brasil precisaria que fossem tratadas. Muitas vezes, neste país, as pessoas fingiam que faziam, outras fingiam que acreditavam e o Brasil ia sendo tocado para a frente.

Está aqui um companheiro uruguaio, nosso companheiro duas vezes prefeito de Montevideu, candidato a Presidente da República do Uruguai. Nós temos dito ao mundo: “Nós, do Brasil, como o país mais importante da América



do Sul, como a maior economia, temos que ter generosidade para com os países menores na sua relação comercial.” Nós precisamos ajudar a quem precisa de nós, porque, em algum momento, nós iremos precisar de ajuda.

Queremos fazer isso como nunca foi feito na história deste país, porque o Brasil, por ser grande, por ser o maior país, as pessoas sempre entenderam que ele tinha que liderar. Liderança não se impõe. Liderança se conquista. E não se conquista liderança com arrogância, com prepotência. Isso é ditadura. Liderança se conquista com muita humildade, com muita tranquilidade e, necessariamente, nem sempre o maior é o líder. Às vezes, é o mais competente. Às vezes, é o mais inteligente. Às vezes, é o mais humilde. Às vezes, é o menos pretensioso.

Possivelmente nós tenhamos criado, na América do Sul, as mais importantes condições para as relações internacionais, porque, depois de todas as reuniões que fiz, ninguém disputa liderança, ninguém quer ter hegemonia. Nós queremos ter parcerias.

E vocês, como comerciantes, como empresários, sabem que não podem sufocar nem o concorrente de vocês e nem o comprador de vocês. É preciso que a gente os mantenha funcionando bem, para que a relação se torne cada vez mais harmônica.

É assim, meu caro Lovatelli, que queremos tratar com os companheiros do agronegócio neste país. Nós já tratamos, neste ano, eu diria, bem. Agora, vou dedicar uma parte do meu tempo para discutir um outro assunto, não menos importante, que é a questão da reforma agrária.

Passei a campanha inteira dizendo que nós vamos fazer uma reforma agrária tranqüila e pacífica. E vamos, agora, dedicar um espaço muito importante para cuidar dessa outra parte da sociedade brasileira, que precisa também da ação e da compreensão do governo.

Um dia, eu disse ao companheiro Roberto e a um grupo de produtores que estava com ele: “Roberto, nós precisamos fazer novas experiências. Não



podemos continuar tratando a reforma agrária como se tratava no século XIX. Nós precisamos imaginar que estamos no século XXI. A forma de produção no campo, hoje, é diferente, tem tecnologia. Ou seja, a reforma agrária não pressupõe que a gente pegue um camponês e o coloque numa área para ele plantar apenas milho, mandioca e viver da cultura de subsistência. Nós precisamos levar tecnologia para essa gente. Eles têm que produzir, eles têm que aprender que é importante conquistar e ganhar um pouco de dinheiro, para ter acesso a bens materiais, porque o Brasil precisa disso.”

E nós vamos fazer. Com o mesmo carinho que nós cuidamos da agricultura brasileira, nós, agora, vamos dedicar um tempo para cuidar da questão da reforma agrária, porque esse é um tema que, se não cuidarmos, pode ficar muito delicado. Em política, tudo que se demora a cuidar fica mais problemático e nós não temos tempo para ter problemas.

O Brasil está vivendo, provavelmente, um dos momentos mais importantes da sua história. A chance que se abriu para o Brasil nesses últimos meses é algo que muitas pessoas – que escreveram artigos, textos, prefácios de livros ou os livros – não imaginavam que pudesse acontecer. E nós não vamos permitir que haja um retrocesso. Nós vamos avançar, porque o Brasil precisa disso.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.